

# A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL.

A IMPRENSA publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular — conforme o ajuste, devendo virem os autographos responsabilizados, sem o que não serão publicadas: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXIV.

THERESINA. — SABBADO, 12 DE JANEIRO DE 1889.

NUMERO 1033.

## A IMPRENSA

THERESINA, 11 DE JANEIRO DE 1889.

### O ministerio.

Por telegramma, que já publicamos, soubermos que o ministerio de 10 de março passou por uma transformação.

Os srs. Vieira da Silva e Costa Pereira deixaram os conselhos da corô e foram chamados os srs. barão de Guahy e Roza e Silva, o primeiro a occupar a pasta da marinha e o segundo a da justiça, passando o sr. Ferreira Vianna para a do imperio.

Se o gabinete João Alfredo já se achava fraco, hoje com a recomposição, que soffreu, ainda mais fraco se tornou.

A subida do conselheiro Vieira da Silva, qualificado com justiça a perola do ministerio, veio enfraquecer as molles do carro governamental; por que s. exc. como ministro de estado mereceu sempre os applausos da imprensa e o respeito da opposição liberal, pelos sentimentos da justiça, que sempre caracterizaram seus actos.

Os srs. Guahy e Roza e Silva, sem prestigio e influencia no grande scenario politico, são marinheiros da primeira viagem, *illustres desconhecidos*, que nenhuma força dão ao gabinete.

O sr. Roza e Silva, deputado pelo 43.º districto de Pernambuco, muito moço ainda, sem a precisa pratica dos negocios da justiça, não estava em condições de ser incumbido da importante pasta, que lhe foi confidada.

Nas actuaes circumstancias, havendo uma urgente reforma judicial em perspectiva, só um homem experiente e pratico devia occupar essa pasta.

O novo ministro da justiça é, por assim dizer, um simples protegido do honrado sr. presidente conselho, é quem s. exc. trata de elevar, para habilitar a succeder-lhe no lugar de chefe conservador em Pernambuco; por isso mesmo que o sr. Roza e Silva dispõe de fortuna.

Quanto ao sr. de Guahy, prevalece o mesmo motivo de falta de prestigio, de influencia e de pratica dos negocios da marinha.

O eleito do primeiro districto da Bahia pode ser um commerciante mui rico, como de facto é, mas não dispõe dos requisitos indispensaveis para o bom desempenho do elevado cargo de ministro de estado.

Como representantes da nação, os novos ministros não se tem salientado na casa temporaria do parlamento, de modo a conquistarem os lugares de conselheiros da corô, para que acabão de ser nomeados.

Alem d'isso, o sr. A. Prado, ministro da agricultura, que á principio deu grande força ao gabinete, parece actualmente contrariado e desgostoso, tanto que seguiu para a provincia de S. Paulo, deixando o sr. João Alfredo em momentos de sérias difficuldades, occasionadas pelo conflicto havido naquella provincia e por outros factos.

Ora, um ministerio, n'estas condições, é um ministerio fraco e de vida ephemera, que não pode continuar na alta gerencia das consas publicas, por faltarem á seus membros os elementos indispensaveis para uma longa e honrosa existencia.

Ha urgentes necessidades publicas a satisfazer — e importantes problemas a resolver, e o actual governo não poderá, de certo, corresponder aos louvaveis e justos anhelos da patria.

Esta é a verdade.

### Discordia liberal.

Com esta epigrapha, a «Epoca» delirando ou sonhando, estampou em suas columnas um editorial, no intuito de produzir effeito ao perto e ao longe.

O órgão *centrista* engana-se redondamente. No seio da grande familia liberal piahyense não ha, felizmente, discordia, nem dissidencia.

As palavras da folha official não passam de vozes dissonantes, que se perdem no espaço, e que jamais poderão ser acreditadas por quem quer que esteja á par da verdadeira historia dos acontecimentos politicos d'esta bôa terra.

Em vez de volver as vistas e os cuidados para o enorme descalabro, que lavra fundo no meio do partido conservador da provincia, a «Epoca» com certa malicia ou tom dogmatico vem enunciar uma proposição completamente falsa — de que o *incendio da dissidencia se manifesta subterraneo e intenso nos arraiaes liberaes*.

A divergencia havida entre alguns liberaes, no que respeita ao modo de encargar á manifestação endereçada ao dr. Coelho de Resende, não pode attestar a existencia d'esse facto, proclamado pela folha do *centro* como demonstrativo da pretensa dissidencia.

Do mesmo modo, não faz prova d'isso — a circumstancia de haverem os nossos prezados amigos capitão Mariano Gil Castello Branco e coronel José Joaquim Avelino se recusado a subscrever tal manifestação. É simplesmente uma maneira de apreciar as cousas por prisma diverso.

Mas, d'ahi não se segue que a discordancia ou divergencia de opiniões d'esses amigos sobre o assumpto affecto á união e á harmonia do partido liberal da provincia, que, folgamos de declarar — está encido e compacto, facto este que não pode plausivelmente, seriamente ser posto em duvida.

Proclamando a *discordia liberal*, o jornal *centrista* revela apenas o desejo excessivo de fomentar e urdir uma intriga entre os nossos importantes e prezados amigos — o exm. sr. marquez de Paranaguá, coronel João da Cruz e Santos e capitão Mariano Gil Castello Branco; intriga, que, estamos convencidos, ha de abortar.

Com o bom senso e criterio que os distinguem, esses illustres cavalheiros saberão dar ás palavras maliciosas da folha do *centro* o mais completo desprezo, desde que ellas tendem tão somente a perturbar a doce concordia da familia liberal.

A formal declaração, firmada pelo nosso prezado amigo capitão Mariano Gil, e que em seguida publicamos, é a mais peremptoria e cabal resposta com que nos era dado confundir as proposições da «Epoca».

Com effeito, n'esse documento francamente diz o capitão Mariano Gil que não ha dissidencia no partido liberal, e que não a autoriza de forma alguma o seu procedimento, deixando de assignar a manifestação ao dr. Coelho de Resende, por considerá-la debaixo do ponto de vista differente do que encarnarão — os nossos amigos, que a subscreveram.

Ainda mais affirma o capitão Mariano Gil que com relação ao lugar de chefe do partido liberal piahyense, bem longo está o seu pensamento de dispensar-o. O nosso prezadissimo amigo coronel João da Cruz, que merecidamente occupa o honroso lugar da presidente do directorio, se tem havido perfeitamente bem, e á contento dos nossos co-religionarios

pela plena confiança que elle inspira a todos, por seu grande prestigio e força moral.

Assim, pois, diante da franca e solenne declaração do capitão M. Gil, não ha necessidade de proseguirmos na refutação das palavras imaginarias ou maliciosas da «Epoca»; porquanto essa declaração vale mais do que argumentos, para provar o contrario do que asseverou a mesma «Epoca».

É melhor que a *gazeta centrista* zude das fileiras conservadoras, onde tudo é balburdia — é discordia, e, onde não se entendem os homens do partido do *uti possidetis*, do que penetrar nos nossos arraiaes e ali intronnetar-se nos negocios da vida intima do brioso e generoso partido liberal piahyense.

Eis a declaração, á que alludimos e para a qual chamamos a attenção dos nossos amigos e da «Epoca»:

### RECTIFICAÇÃO

Mantendo o meu modo de pensar com relação ao escripto publicado no «Telephone» do 1.º deste mez, todavia é preciso fazer uma rectificação para que a illustre redacção da «Epoca» se convença de que não ha dissidencia no partido liberal.

Ha tambem engano do sua parte quando diz que de muito tempo disputamos, eu e o coronel Cruz o lugar de chefe do partido na provincia.

O nosso partido tem o seu chefe na corte, o exm. sr. marquez de Paranaguá, e quem todos nós respeitamos e n'esta capital o directorio do mesmo partido.

Theresina, 11 de janeiro de 1889.  
Mariano Gil.

### Carta do conselheiro F. Octaviano.

Como promettemos, transcrevemos em seguida, da *Tribuna Liberal* a interessante carta que o distincto senador F. Octaviano endereçou aos dignos redactores da mesma *Tribuna Liberal*.

N'essa carta, delineada por mão de mestre, estão enunciad as verdadeiras e sãs ideias sobre as instituições republicanas, comparadas com as instituições monarchicas, em nosso paiz.

Para esse documento de subido valor, bem como para as ideias, enunciadadas pelos 24 senadores liberaes acerca da *federación*, na circular, que dirigiram aos directorios nas provincias, chamamos a attenção dos nossos amigos e do illustre autor d'uma série de artigos, estampados nas columnas do *Telephone* sob o pseudonymo — *um federalista* —, á propósito d'uma circular do nosso importante e distincto amigo e chefe coronel João da Cruz e Santos.

Ali, traçando os chefes liberaes o programma do partido liberal no imperio dizem com toda franqueza que *é chegada a occasião de se organizar o governo das provincias de accordo com as ideias democraticas e de modo a se lhes assegurar plena autonomia de administração, sem quebramento de força do governo imperial, no que entende com os interesses geraes da união e com a soberania e dignidade nacional*.

São estas precisamente as mesmas ideias commungadas pelo referido nosso amigo e chefe coronel Cruz em sua circular, feita ás influencias locais da provincia, á respeito de tão importantes assumptos.

Elle deve estar satisfeito, por ver sua opinião suffragada pelos nossos chefes na corte, embora tenha contra

aqui na provincia o illustre autor dos artigos, á que nos referimos.

— Eis a carta do conselheiro F. Octaviano:

No desempenho da tarefa que essa redacção me impoz, de escrever algumas linhas para a *Tribuna Liberal*, aceito tema que me suggere, embora não o possa tratar sinão ligeiramente. Com effeito, o movimento republicano no Brazil merece estudo, quer no tocante a suas causas, quer em respeito a sua actual importancia; mas, gravemente enfermo ha muito tempo não pude acompanhá-lo, como convinha, para o apreciar devidamente. Além disto, melhor elemento de semelhante estudo teria sido o trato e conversação com os representantes da nova geração, e tenho vivido arredado della, bem máo grado meu; assim, não posso aquilatar o desenvolvimento e tendencias de sua vontade.

Por mim e pelo que ouço aos homens de meu tempo, não julgo necessaria, nem fructifera, a mudança radical de nossa forma de governo. Dessa mudança, precipitada, sem garantias effectivas, nem mesmo apparentes, se me antolham somente desastres que nosirão recusar e perder o fructo de longo trabalho.

Sim; o fructo de longo trabalho, por que não é verdade que o partido liberal do Brazil nada tenha conseguido para a liberdade do cidadão durante o reinado do sr. D. Pedro II.

O historiador imparcial, quando compor a presente epoca com a primeira phase desse reinado, attestará a falsidade de semelhante accusação; por severo que seja, não deixará de reconhecer que os Liberaes, educando a razão publica, mostrando-lhe a vantagem da liberdade para a solução de todos os problemas politicos, fizeram seus adversarios recuar e obtiveram a revogação de leis reaccionarias, planejadas para quebrantar a independencia do povo.

As lutas dos partidos variaram com as circumstancias da sociedade. Não pôde ser o mesmo que se temem o plano de campanha de amanhã. Não se pôde bater a fortaleza antes de destruidas as avançadas que a defendem. Na epoca em que comeci a militar na politica, quando o partido liberal vencido a força de armas, tinha, por sua precipitação, dado ao vencedor a maior pujança e o exclusivo dominio da sociedade, não podia ser outro o nosso programma, sinão o que foi: combater leis e praticas que escravizaram a nação á policia e aos commandantes da guarda nacional, e, com taes elementos, jungiam ao carro do governo todas as provincias no pleito eleitoral.

O paiz requeria socego e, para socegar, um governo forte, acreditava que o liberalismo tinha sido a causa de todas as nossas commoções; com essa predisposição do espirito, tolerava-se sem reclamação, os abusos da força.

Ah! se não foram os esforços e sacrificios dos liberaes daquello tempo e dos companheiros que o tempo lhes foi dando; se ainda vigorassem hoje as pizões preventivas, com os julgamentos da policia, com a militarização da guarda nacional, com o regimen das qualificações eleitoraes a bel prazer dos delegados do governo.

— Teriam podido entrar nas nossas camaras legislativas representantes de todas as opiniões e notavelmente republicanos confessos?

A liberdade das associações, commerciaes, a abertura do Amazonas, as conferencias publicas para critica das instituições, e tantas outras conquistas

liberaes, como se alcançaram? pela inacção? pela desidia? pelo servilismo?

Ha republicanos que foram nossos alliados neses tempos; esquecem nossos communs perigos e serviços; não nos levam em conta, nem as boas intenções; e nos acoimam sempre os erros em que foram parte. Pareça que aquelle passado nos devia acerrar a seus olhos com o abono de havermos andado uns com os outros de companhia. Qual! na fornalha em que elles se acrisolaram, nós nos convertemos em escorias!

A pezar de vinte annos de propaganda, nada haviam conseguido de notavel os liberaes que de nós se separaram para proclamar-se republicanos. Entrando, porém, o sentimento abolicionista na consciencia da nação brasileira, a fazendeiros de S. Paulo, possuidores de escravos, com a erronea convicção de que esse movimento obedecia a um capricho da monarchia, procuraram amedrontá-la com votações favoraveis aos republicanos. Mais tarde, sancionada a lei de 13 de Maio, varios fazendeiros do Rio de Janeiro e Minas entenderam dever patentear seu desgosto, chrismando-se republicanos.

Mas tudo isso teria pouca importancia, si ao movimento não viesse em auxilio da parte da nova geração com as armas perigosas da mocidade, o amor de aventuras, a inexperiencia do mundo, a lição incompleta da historia, a ambição de fama.

Não podem accommodar nos os conservadores e liberaes que querem mudar lei e modo de vida.

Entre elles ha muitos que, passados os primeiros assomos, hão de tornar saudosos ao campo dos antigos amigos, que, por seu turno, os receberão cordialmente. Quando aquelles que amaram a liberdade para poderem escravisar uma raça infeliz e os que se diziam defensores da ordem com a ressalva de conspirarem contra ella quando lhes não rendesse bastante, fizeram serviço aos partidos constitucionaes, desassociando se delles. Com os perder uada perdem esses partidos, que se enfraqueciam pelas concessões para retel-os. Eram os partidistas mais exigentes e sempre com o tom de que nos faziam favor; eram os que mais intolerancia reclamavam para com as pessoas dos adversarios, sem se lhes dar dos principios de que faziam bem barato.

É singular que na Republica Francaza os partidos revolucionarios queiram combater aquella forma de governo com as mesmas armas com que no Brazil os republicanos atacam a monarchia! Camaras que nada produzem de beneficio, nem sequer um ministerio de longa duração; — organamentos que se saldão por emprestimos; despezas sempre crescentes, que ainda ultrapassam o progresso das rendas; o parlamentarismo dominando tudo, empregos, honras e contractos; — e dahi uma grande corrupção administrativa!

Nos Estados-Unidos foi ha pouco decretado um presidente, homem de bem, que se distinguio por não comprar adhesões pelos empregos e ouso affrontar os grandes monopolisadores.

Então, estes males não são das formas do governo, porque nas duas grandes republicas elles campeiam abertamente! Ha alguma cousa mais a estudar; não basta mudar de nome.

Tivemos governos democraticos durante todo o periodo da minoridade; regentes de eleição popular sem *filho descorador*, aos quaes uma lei castitica tolhera o poder moderador.

O que fizeram? ou antes (porque sou justo) o que poderiam fazer?

Arrastaram a existencia a desgosto da nação que confiou mais de um menino com o titulo de imperador do que de seus generaes e senadores, embora honrados e patriotas.

E, de todos os regentes, o que foi mais molestado, combatido e mettido a ridiculo foi Feijó, de espirito e habitos republicanos, aquelle que mais estoicamente se oppoz a corrupções!

Após tantos seculos de existencia das sociedades modernas, após um seculo quasi da epocha da revolução franceza, a fórma republicana para governo só existe onde já a conheceram nossos antepassados, nas ex-colonias hespanholas, na Suissa e nos Estados Unidos.

A França se chama officialmente republica; mas vê-se contestada, não só por seus grandes partidos monarchicos e por uma infinidade de novas seitas politicas, que até se gloriam de chamar-se anarchistas; como tambem por pensadores inglezes e americanos, que não podem considerar governo republicano aquelle em que só domina um partido intolerante.

Quem preparou a Italia para os triumphos de Cavour e Garibaldi? Mazzini, typo de ardente patriota, que todas as convicções sinceras devem respeitar e admirar na sua lotta titanica contra o despotismo.

Foi esse homem quem despertou, educou, inspirou tres a quatro gerações de patriotas, que se enjogueitaram a todas as torturas pela liberdade e independencia da patria.

O genio de Cavour, a heroicidade de Garibaldi, não teriam conseguido tantas maravilhas sem o apostolado de Mazzini.

Mas a Italia, educada por elle para a republica, soffrendo pela republica, quiz, além da liberdade, a união de todos os seus filhos para ser potencia respeitada dos ambiciosos vizinhos; proclamou a monarchia.

Essa monarchia, embora não estabelecida na America, tem as condições de nosso tempo: é liberal e popular.

Em nossos dias a America, a monarchia não pôde fazer seus fundamentos se não na maior somma de liberdade, de progresso e de interesses honestos, que ella assegura praticamente; não tem força para se impor, outra que não seja o bom serviço que esteja prestando.

Confesso que temos marchado muito lentamente na organização definitiva de nosso governo, de sorte que ha ainda muito por fazer: mas os principaes inconvenientes de que se queixa a população não são os que os republicanos estão visando; elles sabem, mais do que ninguém, da ampla liberdade que temos no escrever e no fallar em publico sobre todos os assumptos, a começar pela religião e pelas instituições politicas; sabem e até o dizem ingenuamente, que nosso povo, por sua educação, habitos de trabalho, tolerancia e outros desenvolvimentos de um povo livre, até pôde já receber as instituições republicanas.

E aqui nos permitam elles memorar um dicto de John Bright, o maior admirador da Republica Norte Americana e o mais sincero democrata inglez.

Como se sabe, ha na Inglaterra um partido radical serio e reflectido que viza ir pouco a pouco adaptando a patria às instituições daquella republica. Esses radicacs, de onde têm sabido ministros illustres da rainha Victoria sem perderem de seu credito, pensam, com juizo, que não se muda da noite para o dia a forma de governo de um povo, sem grande abalo e perigo. E' por isso que J. Bright disse um dia sem rebuço: « Si me provassem que nosso povo está preparado já para a decretação da republica, por sua moralidade, por seus habitos de trabalho independente, por seu amor da familia, por sua liberdade e independencia de voto nas eleições; e si nesse momento eu reflectisse que tudo que constitue a força, a grandeza, a magestade de uma nação pôde ser adquirido sob a instituição monarchica, repelleria como

insensato quem me viesse fallar na decretação da republica.»

Ou oizer aos republicanos que nos convidem a mudar de partido; Com a liberdade que tendes, até ostentando a vossa força nos empregados do governo; com o talento que vos sobra nessa mocidade inexperta, que se deixa arrastar pela magia de uma palavra; com a propriedade de que vos gloriais, por que não ensinai o povo a ser cidadão, a exercer os direitos que lhe estão consagrados?

Até de leis imperfeitas a boa vontade tira bons resultados; mas reconheço que temol-as imperfeitas em muitos assumptos.

Criticai-as, propõe as reformas. Nossa administração é viciosa, qual a franceza que procurou imitar. Cortai-lhe os vicios.

Vamos libertar a Côte e as provincias dessa pernicioso concentração administrativa; vamos consolidar a autonomia que lhes preparou o Acto Adicional.

Para estes intúitos, nada importa o titulo do governo, a monarchia já está convencida, praticamente, da necessidade das reformas; já o proclamou ás camaras legislativas. A republica virá com esse proposito? ou continuará, como em França, a manter a centralisação para mais facilmente impor-se em seus primeiros tempos de luta com os partidos monarchicos?

Em vez do plano que devem seguir todos os espiritos liberaes, em vez de fortalecer nossas idéas, até metteis a ridiculo as instituições livres, as camaras e suas discussões! Quando extinguirdes o parlamentarismo na raça latina, o que lhe dareis por substituto? o silencio do povo e a sabedoria do governo? comissões de estado, que elaborem os orçamentos e camaras napoleonicas que os approvevem?

Fallei em raça latina, mas si fotherdes a historia parlamentar da republica Norte-Americana, lá achareis também o parlamentarismo na accepção odiosa da palavra: presidentes obrigados a transacções com senadores sobre negocios lucrativos para obter approvações de suas nomeações dependentes daquella camara; e as maiorias consultadas sobre o apoio que derão a ministros, que por mais independencia já blasphemem, com ellas se entende para poderem viver. Não estão livres, as republicas dos Wilsons e de outros indignos especuladores

Aqui, meus caros amigos, pocho remate a estas considerações. Quando me sentir mais forte, melhor compreerei os preceitos de V. excs. de quem sou o velho amigo

F. Octaviano.  
Cosme Velho, 30 de Novembro.

DISCURSO.

O Sr. Lafayette. — Assim o sr. Presidente do conselho illu-dio-se, não deu inspiração nenhuma, mas dizem que era boa, que o honrado senador por São Paulo o tivesse ouvido, e afinal entenderam todos que o nobre senador por São Paulo tinha desempenhado bem o seu papel de porta-voz, e no fim de 13 dias o proprio Sr. Presidente do conselho acreditava que realmente tinha dado aquellas inspirações.

Eis ali, vé o sr. Presidente do conselho o esforço heroico, a despeza de logica e erudição que o orador faz para defender a s. exc., e no decurso de seu discurso terá occasião de dar ao sr. Presidente do conselho noticia de esforços heroicos, no mesmo sentido, por elle feitos.

Mas marcharam as cousas; o gabinete de 20 de Agosto afinal pagou o seu tributo a natureza: cahio. Havia necessidade absoluta de organizar-se um ministerio abolicionista; o orador já disse no principio do seu discurso que a abolição era uma necessidade, que o ministerio não é que ia realizar a abolição, mas que a abolição é que ia realizar o ministerio. Devia organizar-se pois um ministerio, cujo pensamento fosse a abolição.

Todos os homens intelligentes e que acompanham os negocios publicos, que viram a parte proeminente, que o nobre ministro da agricultura tomou nesta questão, em S. Paulo, que viram a energia, o bom senso, o tacto com que s. exc. dirigiu este movimento, todo o mundo estava convencido de que o presidente do conselho seria o senador A. Prado. Mas o nobre ministro da agricultura desbravou a terra, abriu o caminho que leva á fortaleza alantillada do poder, forçou as portas da fortaleza, saltou-se e o nobre presidente do conselho penetrou andando a direcção.

Temos pois este resultado, que em bem do nobre ministro da agricultura o orador lamenta; o nobre ministro é um espoliado, e diz o orador que s. exc. é um espoliado em prejuizo do país.

O honrado ministro da agricultura é o homem de Estado, de um quilata diverso do do sr. presidente do conselho; é um homem energico de certa cerebração forte, sabendo ver e sabendo querer. Fode o orador não estar de accordo com a direcção de s. exc. nos negocios publicos, mas vé que o nobre ministro é um moleto de homem de Estado, que vé, quer com energia, e procura empregar os meios para realizar o que quer.

Se s. exc. fosse presidente do conselho, as cousas se teriam passado de outro modo; um mesmo s. exc. tem responsabilidade por erros e innocencia do governo durante a passagem da lei, por que s. exc. se achava doente em S. Paulo, de molestia grave que não lhe permitia dedicar o seu espirito ao serviço publico.

Mas o orador está profundamente convencido de que se s. exc. tivesse tomado a posição que os acontecimentos indicavam, e de que foi espoliado pela astucia do sr. presidente do conselho, s. exc. ter-se-hia mostrado homem de estado, teria governado os acontecimentos e não se foy governado por elles, teria tomado com promptidão estas medidas que a opinião teia reclamado, enfim, teria feito um governo firme, um governo decisivo.

O orador não diz isto, por hostilidade, ao sr. presidente do conselho.

Diz elle que na tribuna protestou sempre prestar homenagem a verdade; esta é a sua convicção, está certo de que ella exprime a verdade e por isto a manifesta; mas nisto não vá a minima intenção de ser desagradavel ao nobre presidente do conselho.

O nobre presidente do conselho disse que o orador havia pintado o país, como cahindo em uma ruina inevitavel, em que tudo se abysmaria, a agricultura e a lavoura, e por consequencia, tudo que se prende a riqueza publica e que elle julgava esta nação como um vulcão.

É um habito do sr. presidente do conselho attribuir aos outros um erro para ter a facilidade de destrui-lo.

O orador diz que o seu discurso está publicado, não affirmou sem-lhante cousa, tratou de apurar o facto economico da lei de 13 de Maio e apurara esses effeitos, como se tivessem vindo de uma calamidade. Disse elle que a lavoura tinha sido collocada em condições muito precarias, que não se podia reconstruir senão com muita lentidão, á força de economia, prudencia e boa direcção, que isso não podia fazer senão em 4 ou 5 annos. Disse que não se oppunha a colonisação, que lhe dava o seu voto, mas disse tambem que ella não tinha a tempo de fazer terminar esta crise, que a colonisação era a base do futuro, que estava convencido de que, depois mais tarde, a lavoura com o trabalho livre se reconheceria sobre bases muito mais solidas e firmes.

Eis o seu pensamento.

Portanto, o sr. presidente do conselho attribuiu ao orador, para facilitar o seu trabalho, um modo de ver que não é seu.

O orador sente necessidade de chegar ao fim, porque não quer faltar a attenção do Senado, mas tem ainda algumas considerações a fazer.

O sr. presidente do conselho, querendo esmagar o orador, reduziu-o a pó, chamou-o Rabellais do Senado.

Diz o orador que fica espantado da ignorancia do sr. presidente do conselho em assumptos litterarios. Rabellais era um homem de genio. E' um escriptor que elle estudou, porque é um homem de genio.

Em uma das suas paginas elle diz: « De ha passado a minha vida a estudar o homem, para eu não deixar illudir.»

O sr. presidente do conselho, embora aqui não falle em grego, s. exc. não sabe grego. Chamava-se s. os homens que entra a lei de Athenas transportavam as figuras alem da rainha da Republica. Com o curso dos annos foi mudando de significação, então passou-se a chamar s. aos colonisadores. O orador nisto procura citar Rabellais. Elle tambem na medida das suas forças procurou estudar muito os homens para não ser illudido pelos s.

O sr. presidente do conselho, disse que o orador lhe havia attribuido mudanças de opinião. Isto se explicava muito facilmente porque o homem é levado por pezar natural a attribuir aos outros os vicios que tem.

O orador quer aceitar o principio do sr. presidente do conselho, mas então o sr. presidente do conselho, nas insinuações que lhe fez, attribuiu-lhe vicios graves, e argumentando com o principio do sr. presidente do conselho, o orador diz: foi uma honra que lhe rebutou pela cultura, e falta de logica e de conhecimento não se tinha deixado apanhar nesse laço.

Chega a um ponto no qual entia pedindo ao sr. presidente do conselho não exerce nas suas palavras a menor offensa ou suspekta contra a sua probidade, caracter individual e hostilidade; pelo contrario.

A lei de 1884, attendendo ao que resultou da discussão no Senado e de outra do parlamento e da imprensa, á convicção de que os engenhos centraes não correspondiam ás esperanças que se esperavam, aos desastres que se davam por toda a parte, os juroes que tinham sido pedidos, como nominaes, ás companhias, se arruinavam e então tornavam-se reaes, attendendo a que tinha sido um erro do legislador anforisar juroes para engenhos centraes; nesse presupposto a lei decretou que o governo ficava autorisado a rescindir as concessões das indmnuandas aos concessionarios das perdas soffidas.

Deste texto da lei resulta que a lei não queria que se fizessem novas concessões, e pelo contrario, queria que se desfizessem as concessões feitas.

E' isto que se deduz logicamente da lei e o sr. presidente do conselho sabe que o que se deduz logicamente da lei.

da lei e muito grave por certas circunstancias; esta pessoa, a quem foi feita a concessão, tem parentesco com o sr. presidente do conselho.

Sempre rendu homenagem aos principios de honestidade do sr. presidente do conselho. O orador disse a esse homem: não é possível, está enganado. Diz o homem, não é só isto, aqui está uma grande lista de parentes e adherentes do sr. presidente do conselho que têm sido nomeados para diversos lugares.

O orador disse ao homem, não, isto tem alguma explicação; disse-lhe que conhecia o sr. presidente do conselho; quando s. exc. entra para o governo, começa a epocha da vacancia magra para os seus parentes e adherentes. Diz-lhe o supli-to, não senhor e apresentou-lhe a lista.

O homem era argumentador, o orador ficou cheio de hesitação, e então, ás vezes, quando se vê assim em-difficuldades, s. bruto para defenir amigos, recorre ás razões de direito, téta muito vasta que apanha o homem em todas as suas relações e quasi sempre fornece razões satisfactorias. A lei prohibe, por exemplo, ao juiz que de sentença em causa de seus parentes, não porque ella julga que o juiz se deixe corromper, mas porque a lei conhece o movimento psychologico do pensamento humano; a lei pensa que a feição natural pôde fazer com que o funcionario publico faça em beneficio de seu parente o que elle não merece, porque o homem julga que seu parente é o que mais merece.

Dsse o orador e liem, tiro proveito disto, este é o principio da lei; é porque a lei entende que o sujeito pôde deixar a sua razão corromper-se e portanto sua vontade; mas tem o principio de fôrto de que onde não se dá o motivo da lei não se dá a applicação; estes homens não eram os candidatos notoriamente mais aptos para esses empregos?

Por que neste caso o nobre presidente do conselho, com a sua austeridade, sem deixar sua alta razão corromper-se por considerações de affecção, de parentesco aos nomeados, entender que eram ell s. os mais dignos, os mais capazes, e nesta hypothese não se dá o motivo de suspekção, por que não se dá a razão da lei.

Mas o homem era um argumentador terrivel, disse-lhe: dá-se a razão da lei, por que não eram os mais capazes e dignos para esses lugares, e então citou até factos, está apezar de (mostrando um papel) diz que não pôde ler, por que está estragado.

Um desses é o actual presidente de Pernambuco. Lem um trecho do relatório desse presidente dando a Assembléa Provincial noticia do fallecimento do ex-presidente o distincto brasileiro sr. Manoel Euphrasio Correia, e ficou espantado, naturalmente muitos dos nobres senadores tero de ter esse trecho, e perfectamente uma reflexão do deão de Hyssope. Em contrario ao nobre presidente do conselho, que quer concluir do geral para o particular, o orador com a mesma philosophia moderna diz: de um facto particular se conclue, para o geral, que quem escreve esse trecho não tem capacidade para ser presidente de provincia.

Não foi só esse, disse-lhe o homem que um outro adherente ou parente do presidente do conselho, presidente de uma provincia, recebendo da secretaria do imperio uns titulos de barão, mandou chamar os barões para lhes declarar juramento, e não havendo na secretaria da presidencia livro de termos do juramento, porque, como todos sabem, os barões assignalados não prestam juramento nenhum, o presidente ficou muito agoniado com isso, mandou abrir um livro com rubrica e tal e deu juramento aos barões.

Já se vé, diz o orador que não se convencem com duas razões, elle foi até capaz de accusar o nobre ministro do imperio para defender o nobre presidente do conselho, e então disse elle ao homem: « Pode ter havido alguma mobilisação, isto era alguma circular do ministerio do imperio. Mas depois lhe informam que não havia semelhante circular.

A vista de tudo isso elle se convencia de que dava-se a hypothese da ordenação, que o nobre presidente do conselho não obstante sua austeridade, sem offensa e prejuizo della, arrastado pela affeição natural que temos a nossos parentes, deixava sua razão perturbar-se, e então enxergava no parente, em concorrência com outros sempre, melhores condições, e por isso fazia com que elles fossem nomeados.

Como essa razão deixa em salvo a austeridade do nobre presidente do conselho, elle a accete; mas então tomou a liberdade de pedir d'aqui desta tribuna a s. exc., em beneficio seu e em respeito á ordenação não continue a preferir os outros candidatos e nomear seus parentes. S. exc. assim procede pela razão que deu e que elle honrou; mas isso, faz mau ver e diante de homens que não estão como elle tão competrados da austeridade do nobre presidente do conselho, pode comprometter os creditos de s. exc.; portanto elle, em bem do nobre presidente do conselho, faz este requerimento.

Mas, antes de passar a outro assumpto, pergunto a s. exc., 1.º se é verdade que alguns dos engenhos vão ser estabelecidos na fazenda do Bugenho Novo de Goyannas e eu 2.º lugar a quem pertence esse Engenho Novo.

O Sr. João Alfredo (presidente do conselho). — Engenho novo, não.

O Sr. Lafayette, continuando; diz que não quer offender o nobre presidente do conselho, pelo contrario, o vai defender.

Dissar ao orador que esse engenho, em que tem de se estabelecer um dos engenhos concedidos ao Loyo, é propriedade do sr. presidente do conselho ou de pessoa de sua familia.

O orador diz que esse facto, para o commum dos homens, podia assumir uma certa gravidade, podia parecer que essa concessão era feita para dar valor a esse predio, mas conhece a integridade do nobre presidente do conselho, não é absolutamente capaz de fazer uma assignação a s. exc. a esse predio; e vai apoiar-se em uma autoridade antiga, de muita força. S. exc. é um homem muito austero, é um homem vasado nos moldes de Catão; é o velho Plutarco, que era um grande moralista, dizia que Catão podia ter certas facilidades que nós, simples mortacs não podemos ter.

Portanto o orador repete que não faz insinuação e crê que o nobre presidente do conselho está perfectamente collocado neste assumpto; crê que se s. exc. quizer dar explicações, ellas serão perfectamente satisfactorias.

O orador diz que não quer incorrer no desgasto do nobre presidente do conselho, e se pole assim se exprimir deseja não perder suas boas graças.

Pede, portanto, licença a s. exc. para terminar estas reflexões com um conselho.

Já deu um a s. exc. no seu caracter individual; crê poder agora dar-lhe outro, como senador do imperio; por que entende que nos senadores do imperio assiste-lhe o direito de aconselhar aos ministros de Estado de seu paiz. O conselho é este:

E' sabido que o acto de 13 de Maio, tem o caracter de uma resolução social. Montesquieu diz que as resoluções profundas são eminentemente politicas ou uzando de sua phrasa, produzem effeitos mais profundos do que as resoluções politicas.

E' certo que o acto de 13 de Maio privou aos fazendeiros de recursos que tinham a sua disposição; é sabido que um grande numero de fazendeiros passou da opulencia para a estreteza e o maior numero, de uma villa commoda á miseria.

Portanto este facto produziu no animo dos agricultores, que constituem uma grande classe no paiz, classe muito respeitavel, representantes dos interesses estaveis, que eram o grande apoio de nossas instituições, um profundissimo desgosto.

O orador sabe que o nobre presidente do conselho neste assumpto tem uma doutrina que o orador chama santa simplicidade, que até invejar. Julga que o sr. presidente do conselho entende que esse desgosto de fazendeiros não existe, não produz effeito nenhum, e o fundamento dessa convicção, que atá a um fundamento de uma certa imprensa, é o seguinte:

« Sei donde provém o desgosto dos fazendeiros; provém de não poderem elles mais ser senhores de escravos, isto é, desejariam que a escravidão continuasse.

O desgosto provém, portanto, de uma causa immoral, e um desgosto que provém de uma causa immoral não tem forças, não tem effcço.

O nobre presidente do conselho se acha perfectamente illudido. Há um desgosto profundo, que está se annunciando, que está se accentuando em termos os mais claros e os mais positivos.

E' evidente, diz o orador, que esta causa, seja como fór, tem estabelecido uma divisória entre a classe a que se araba de referir o o governo ou antes as instituições.

A razão dada pelo nobre presidente do conselho não tem precedencia.

O homem de estado é como o medico, que examina a natureza do mal, sua profundidade e seu alcance, sendo-lhe indifferente que o mal tenha a causa moral ou immoral. O nobre presidente do conselho é como um medico que encontra um doente de gangrena e diz: este mal nada vale, porque provém dos vicios e da devassidão do individuo.

Não, existe o descontentamento, o orador não trata de analysal-o, mas verifica a sua existencia. O descontentamento é profundo, e se não fór curado em tempo, será duradouro; e elle o mostrará, citando um pensamento de Machiavel. E' um pensamento cruel, mas Machiavel conhecia o coração humano, e a sua observação funda-se em uma verdade: « o homem que destróe em um paiz uma ordem de cousas é que funda outra ordem, tem muitas vezes a necessidade cruel de decapitar o representante do partido dechallido.

Então, diz o secretario florentino bom é que o vencedor decapite o vencido, mas eu lhe dou um conselho: — não confisque os bens, porque os filhos esquecem facilmente a morte do pai, mas não esquecem a ausencia dos bens, porque sente a todo o momento a privação, a privação que o acompanha como o peso acompanha o corpo.

E' o que se dá com o fazendeiro: o fazendeiro foi privado de seus meios de vida, foi reduzido de opulento a pobre, é um mal que elle sentirá perpetuamente, e portanto estes desgostos continuarão a trabalhar.

Qual o primeiro dever de um governo que succedesse ao do sr. presidente do conselho? O primeiro dever desse governo seria o de procurar por todos os meios possiveis desfazer a irritação dos proprietarios, remediar o mal feito, conciliar o com o poder.

Esta é a necessidade irremediavel depois de 13 de Maio.

Pois bem, se o sr. presidente do conselho foi um instrumento magnifico para realizar o golpe de 13 de Maio; por isso mesmo s. exc. era absolutamente incompetente para ser governo, na phase que se seguiu.

Demais s. exc. é tido, isto é uma cousa notoria, por essas classes que se julgam espoliadas como uma especie de Anti-Christo.

permanencia no poder é o que ha de mais fatal ás instituições. Fique a esse, certo de que a imprensa que o apoiou, não o apoiou pela sua individualidade; apoiou-o porque entendendo que a sua permanencia no poder é o meio eficaz para a destruição do estado de coisas que existe.

Portanto, o orador dá ao sr. presidente do conselho este conselho: S. exc. entre no santuario de sua consciencia e dispa-se de todas as glorias mundanas e deponha o poder nas mãos de quem esteja nas condições de atender ás cousas existentes. (Apoiados da bancada liberal).

No seu partido mesmo ha chefes eminentes de merito e prestigio e que, pela posição que occupam nesta questão, merecem inteira confiança das classes que foram esbulhadas e são os mais apropriados para lhe levar a consolidação.

O orador lê em um escriptor hespanhol, (.) que é difficil ao coração humano passar o mando.

Está convencido disto, mas conjura ao sr. presidente do conselho a que se anime, a que faça um esforço heroico, a que realice o conselho que lhe tem dado e s. exc. terá praticado em bem do seu paiz o meio que pôde inspirar o seu patriotismo e que não terá occasião, talvez de praticar em toda a sua longa vida, que o orador lhe deseja.

Declara que tem terminado o seu ajuste de contas com o sr. presidente do conselho. Confessa que atravessou uma atmosphera que lhe era altamente desagradavel. Chega ao alto da montanha, como o viajante biblico sacode a poeira das suas alperceas.

Diz que devia continuar o seu discurso interrompido ha dias, acerca do orçamento do ministerio da agricultura.

Mas, deseja tratar sobretudo da questão das estradas de ferro, tem que apoiar a sua argumentação em uma longa serie de allegorismos. Isto seria fatigante para o orador e para o Senado.

Portanto, promette ao nobre ministro entrar na 1.ª discussão nesta debate no qual se esforçará para se haver com s. exc. com toda a delicadeza, respeito e estima que s. exc. merece pela sua polidez e pelas suas altas dotes.

Vozes:—Muito bem; muito bem. (O orador é cumprimentado).

COLLABORAÇÃO.

São Paulo, 7 de Dezembro de 1888.

Na minha ultima carta, por affluencia de assumptos, fui obrigado a interromper o programma a que me impuz de ministrar algumas noticias. Bem que perfunctoriamente, sobre o movimento do progresso material que se estende e se alarga de um modo animador n'esta divisão territorial do Brazil.

Comprehendo o quanto deve ser enfadonha esta preliminar, e muito me atormenta a impossibilidade de remover ou, pelo menos, compensar esse defeito, deixando alguma causa do aproveitavel no espirito de quem se fatiga na leitura d'estas linhas.

Não caço, porém, de repetir que não me illole a presumpção de tratar magistralmente da assumptos de tão alta importancia, e só o intento, lá o disse, de chamar a attenção dos meus ceterreaneos para o exemplo que nos dá esta provincia, explica a minha embaraçosa posição, sem primeiro ter consultado a minha competência.

Mas esta competência chega tarde, e, além d'isso, para a narração de factos que encerram ensino de alto alcance, parece não haver necessidade de conhecimentos technicos sobre os quaes elles se applichem.

A provincia de São Paulo para chegar ao estado prospero em que se acha não consultou aos sábios da velha Europa nem da moderna America. E' possível que se inspirasse no exemplo dos Estados Unidos. Ha uma sabedoria que aproveita grande mente ao desenvolvimento material de uma Nação. — é a do seu governo, e uma condição essencial a este — o patriotismo. Mas, se ao governo faltam estes requisitos ou elle não possue o ultimo, que é o principal, — compete ao povo mostrar o quanto pode a energia de uma sociedade trabalhando cada um na proporção de suas forças.

E' natural que, escrevendo d'aqui, falle unicamente da provincia de S. Paulo, e não vai n'isto injustiça a outras provincias que evidentemente se esforçam por ampliar suas industrias e commercio.

Já em outra carta tentei mostrar o incremento que vai tendo o valor da propriedade territorial, o que é uma

(.) Ao ouvir fallar em escriptor hespanhol, o sr. Uchida, em voz baixa, disse ao sr. Paulino: «Attenção! Agora é o sr. Paulino vai-se ver grege com alguma etação de Cervantes».

prova incontestavel de adiantamento e progresso. Ninguém porá em duvida que para isto tem concorrido poderosamente a immigração. Não preciso encarecer esse importante factor de progresso e, destacando d'entre as correntes immigratorias aquella que occupa o primeiro lugar em numero, farei apenas ligeiras considerações a respeito.

Para avaliarmos o impulso progressivo desta provincia basta consultar a Estatistica mandada organizar pelo governo provincial e publicada recentemente. Diante d'este trabalho paciente, claro e methodico tudo quanto he dito aos leitores, se me affigura um lastimavel imperfeição! Mas infelizmente este precioso livro tem limitadissima extracção e destina-se particularmente a esta circumscripção.

Me parece (não affirmo) que foi São Paulo a primeira provincia que mandou organizar e publicar a sua Estatistica. E' só por um trabalho semelhante, por uma collecção de dados positivos e de esclarecimentos minuciosos, pode ter uma provincia, sem o auxilio das supposições e calculos approximados, a verdadeira orientação do seu progresso e adiantamento. E' assim que se pode affirmar, sem ter perdido horas e trabalho insano, que, de 1882 a 1887, entraram n'esta provincia 61,880 imigrantes, numero correspondente á população avulsa para esta capital.

Dos imigrantes 25 mil são italianos e 11 mil são portuguezes, occupando os allemães o terceiro lugar na escala numerica. D'aqui se vê a preferencia que o italiano dá ao territorio paulista, devido á amenidade do clima que, segundo a opinião dos entendidos, é muito semelhante ao bello clima da patria privilegiada do canto, da musica e da poesia. Se a lingua italiana parece ter sido creada de proposito para as operas; se nenhuma mais do que ella se presta ao canto; se o temperamento da raça reclama uma guitarra, uma harpa ou uma rabeca, — também é certo que o italiano abraça outros ramos de vida e, com especialidade, o officio de sapateiro.

Parecerá talvez humorismo collocar a harpa ao lado da tenda de sapateiro; mas confesso que não é esta a minha intenção e hinguem mais do que eu, sabe admirar a musica e consagrar verdadeiro culto a tudo quanto é sublimado e grandioso. Não, de modo nenhum quero que me seja imputada esta intenção.

Mas, quem não for indifferente, ha de certificar-se que haverá muito poucas ruas n'esta capital aonde não se encontre duas ou mais sapatarias italianas. A principio isto me preocupava muito, e na impossibilidade de achar melhor explicação para este facto, exclamei um dia, jubiloso, lembrando-me da configuração da península continental, se tivesse feito uma grande descoberta: — E' uma bota!

O certo é que a colonia italiana cresce e augmenta de um modo espantoso, e isto faz com que os tímidos se tornem apprehensivos e receiosos de serem mais tarde dominados, sem poderem reagir contra a superioridade numerica dos estrangeiros domiciliados.

Mas, se est. apprehensão do futuro parece a primeira vista ter algum fundamento, tudo desapparece; considerando-se que o immigrante não é um ambicioso; ingrato e perverso, o qual tendo adquirido doutrina e posição na nossa sociedade, ha do amar a nossa patria, como nós a amamos de coração. Deve, entretanto, merecer da parte do governo ou dos seus agentes a mais escrupulosa escolha na acceitação do immigrante, attendendo que a corrente immigratoria tem por fim não somente o povoamento das terras, como também o alevantamento do nivel moral e material do paiz.

Não considerou assim o senado que approvou uma emenda apresentada pelo sr. barão de Catégope, facilitando a introdução do chim no nosso territorio.

A raça malaia, o koolie, como se diz a ingleza é um mau colono. Espirito supersticioso, pusillanime e fraco; de costumes e habitos incompativeis com os nossos; um ser que congra todos os seus cuidados, todo o seu respeito e o maior desvelo pelo seu rabicho dado ao vicio do opio e a comezainas de tagartos e ninhos de andorinhas, tendo um idioma originalissimo e um alphabeto de hieroglyphos interminavel; uma natureza exquissita, sabendo a seu modo perpetuar a memoria de seus antepassados, mumificando-os, e venerar os seus tumulos. — o chinês só pode viver no Celeste Imperio comendo arroz com palitos.

E não permite o espaço discutir a conveniencia de ser o chinês um trabalhador barato, capaz de resistir o rigor do nosso clima perito na arte culinaria á ponto de preparar um peixe sem espinahas ou uma gallinha ao forno sem ossos! — Nada disto compensa os muitos defeitos dos malios. Mas dizem que a intenção foi substituir o negro pelo chim, e o governo que fez a abolição e que, como todos, sophisma as suas proprias leis, terá o recurso de não mandar buscar o asiatico, allegando não ter no paiz dos Mandarins pessoal para visar os respectivos papeis e não convir deslocar por este meio a verba destinada á immigração. (Continua).

Pompilio Castro.

TRANSCRIPÇÃO

Estrada de ferro do Piahy.

EXTRACTO DA CONFERENCIA FEITA A 17 DE NOVEMBRO, NO CLUB DE ENGENHARIA.

(Conclusão).

Essa linha terá provavelmente o seu dia, mas actualmente está no caso das de que acabou de fallar.

Ha uma pequena estrada de uns sessenta kilometros de extensão e que ja mereceu a approvação da assembleia geral com a concessão, que lhe foi dada, da garantia de juros de 6 % sobre o capital de 1.500.000\$. que for empregado em sua construcção, e é a que, partindo da cidade de Cavias a margem do Itapicuru, vá a vila de S. José das Cajazeiras á margem do Parnaíba e fronteira á cidade de Theresina.

Essa estrada, de todas e a que menos pôde concorrer para o futuro engrandecimento da provincia, e o conhecimento pessoal da zona que ella terá de servir e que eu tantas vezes percorri, habilita-me a dizer-lhe que ella terá de viver mais da subvenção do Estado do que das proprias rendas. O seu fim exclusivo é althair para a capital do Maranhão todo o commercio da capital do Piahy, que já não é pequeno, e cuja população calculo bem em 12.000 almas, servindo de entreposto a cidade de Caxias.

Com effeito, será ella mui proveitosa ao Maranhão; que, de alguns annos para cá, tem declinado muito, e como é feita somente em territorio maranhense, nós, os piahyenses, nada temos a oppor-lhe; mas não podemos aceitar-a como um beneficio para a nossa provincia, porque, uma vez feita, com a navegação em larga escala do Itapicuru, terá de entrar em concorrência com a navegação na parte septentrional do Parnaíba, prejudicando a suaõ matando-a desde Theresina até a cidade do mesmo nome, unica que tem commercio directo com a Europa; — e isto, senhores, ninguém dirá que convem ao Piahy; — o que folgo de dizer em presenca do venerando sr. marquez de Paranaguá, que muito bem pôde ser juiz nessa questão.

Quem, senhores, occupou-se desse assumpto com toda a proficiencia, ainda que succintamente considerando todas as linhas que pôde servir ao Piahy, e dando preferencia a uma, foi o illustre sr. dr. Andre Ribouças em sua magnifica obra sobre a garantia de juros. A linha que mereceu a preferencia de tão assignalado mestre e pela qual enpenho os meus fracas esforços na convencção em que estou de que é a que melhor pôde convir á minha provincia, é a que, partindo da cidade do Amarante, á margem do rio Parnaíba, siga o valle do Canindé até a cidade de Oeiras, antiga capital da provincia, e, acompanhando sempre o mesmo valle, vá á Serra dos dois Irmãos, divisa de Pernambuco com o Piahy, partindo dahi em direcção á vila de Petrolina á margem do S. Francisco, ponto terminal da estrada de ferro do Recife e fronteira á cidade de Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro da Bahia, medindo ao todo uma extensão de 100 leguas, sendo 70 em territorio piahyense e 30 no de Pernambuco.

Por este enuaciado, sem esforço algum intellectual, se comprehende logo a grande importancia de semelhante estrada, cujos estudos mostrarão quão facil será a sua construcção.

Elle tem por um, como pretendeu a commissão do congresso, ligar as bacias de dois dos nossos maiores rios o S. Francisco e Parnaíba, servindo aos vastos sertões de duas provincias, que ficarão em communicação facil e directa com os portos do Recife e S. Salvador e com a corte pela secção navegação do S. Francisco e a estrada de ferro D. Pedro II, — com a vantagem mais de que fallou o sr. conselheiro Simião e que não me occorria — qual a de acostumar os sertanejos a reconhecerem as cores da bandeira nacional. Além disso, se for avante, como é de

suppor, a colossal linha de Pacifico — a fronteira da qual se acha v. exc. o sr. presidente, com seus illustres companheiros, será a estrada de que trata uma portada encursal dessa grandiosa obra, pois irá ao seu encontro normalmente.

Na parte comprehendida no Piahy ella atravessa todo o municipio do Amarante, cuja cidade com 6.000 almas é o entreposto de todo o commercio do interior. Esse municipio possui as melhores terras para o plantio de todos os cereaes, para a lavoura da canna, do fumo e do algodão, que foi durante a guerra dos Estados-Unidos o melhor genero de exportação da provincia. As terras também são proprias para a criação pastoril mas pela natureza das forragens o gado não é de n'outro especie, e depois virá, como aproveitamento dos productos bovinos — o estabelecimento de charqueadas, o cortejo de pelles, o fabrico de queijos e manteiga, que constitue enorme rendas em alguns Estados da grande Republica Americana.

Dahi partindo, ella corta todo o municipio de Oeiras, onde ha as melhores terras para a criação penaria. A sua cidade de 2.000 a 3.000 almas foi, como já disse, a antiga capital, e está em decadencia, mas, com certeza, surgirá das proprias cinzas — com o antigo esplendor quando ouvir em seus muros o festivo apito das locomotivas. Nesse municipio estão situadas á margem do Canindé as afamadas fazendas nacionaes, que, apesar do descalabro em que vão, ainda possuem nellas o Estado mais de 30.000 cabeças de gado vacum e cavallar.

Finalmente, corta ainda grande parte do municipio de Jaiós, que rivalisa, se não excede ao de Oeiras na estigação.

Senhores, eu poderia ainda apresentar-vos outros dados demonstrativos da excellencia do traço cuja descripção ligeiramente acabou de expor, mas não quero abusar mais de vossa benévola e por que ja heido bastante para que o Club possa a respeito formar o seu juizo. Accrescentarei apenas alguma cousa quanto á parte technica, visto como, pelo lado economico, n'otra presumpção de que será impossivel indicar se outro traçado mais conveniente.

Eu ja percorri, senhores, toda zona em questão e posso affirmar que a estrada será construida em sua totalidade em terrenos lavouravelmente acedimados, não terá de transportar-se do rio Canindé, cuja largura é insignificante em suas cabeceiras, e a serria dos dois Irmãos, que poderia servir-lhe de seio embarço, offerece em sua passagem uma garganta tão ampla e tão baixa que parece assim formado pela natureza já para ser o leito de uma via férrea de maneira que serão mui dozes as declividades, mui fracas as curvas e de pouco valor as obras d'arte; o que tudo posso garantir ao club não pelo que tenho lido ou se me tinha informado, mas pelo que vi e pude observar em mais de uma viagem que fiz por esses sertões.

Quando ao custo kilometrico, pela experiencia que ja tenho dessas obras, com as facilidades que acabo de enumerar, não excederá elle de 20.000\$ a 25.000\$, importanto assim toda a linha em 12.000 contos mais ou menos, o que não será muito, attendendo-se a que outras, em piores condições não tem chegado a 25.000\$000.

Tenho concluido e peço a v. exc. se dignem de nomear uma commissão para dar o seu parecer sobre os quesitos que tenho a honra de apresentar, a qual, sem daviada, dirá a respeito a ultima palavra.

NEWTON URBANHAQUE. (Do Paiz da Corte.)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Ao publico.

Os individuos que me têm insultado e calumniado, ainda voltaram na «Epoca» de 5 do corrente, plethoricos de audacia, porque têm como certa a impunidade.

Desde que estou acima do ridiculo com que se procurou ferir-me, deixo que os maldizentes cumpram o seu fadario.

Só ambiciono as relações e o bom conceito dos homens de bem.

Isto não me falta, graças a Deos.

De tudo quanto se escreveu contra mim só preciso explicar ao publico o seguinte:

O nome citado na «Epoca», não são, nunca foram de ascendentes meos.

Si se provar que os meos ascendentes foram assassinos, ou virei em publico confessar a minha vergonha.

Não nego, ja disse e repito, que haja tido parentes maos, mas qual a familia crescida que não os tem contado ao seo seio?

Desta vez a lama ainda me ficou longe dos pés. Sô.

M. Lopes G. Lima.

Secca em Piracuruca.

Com vista ao exm. sr. dr. presidente da provincia.

Este municipio está sendo flagellado pela secca.

A zona que desta villa divide-a da do Ceará, onde, como aquella provincia, é creadura e até como ella semelhante em clima, está sobre o rigor deste terrível flagello. Todos os fazendeiros tem tido enormes prejuizos e cõstituição a ter, porque ainda não choveu, sendo o patrimonio de

N. S. do Carmo, muito prejudicado, visto como tem alli, situadas, cinco fazendas.

A população da villa já vai desanimando, especialmente a pobreza que falta de recurso e sem serviços em que se empregue para ganhar o pão e a lem disso, a alta que estão tendo os generos alimenticios, pelo que não os podendo comprar fição assim sujeitos os pobres a morrerem á fome ou a immigrarem.

Em nome, pois, destes meus cõterraneos chamo a attenção do exm. sr. dr. presidente da provincia, para que, imitando o exm. sr. dr. Caio Prado, lance suas vistas para esta localidade, solicitando do governo geral ás providencias que exige a actual situação deste e outros municipios. Me parece q' ainda chovendo agora se tornarão necessarios alguns soccorros, por q'a classe plebea desfavorecida da fortuna precisa do recursos, até que melhorem os tempos e baixem os preços dos generos; seria, pois, de muita utilidade que tendo de ser feito o ramal telegraphico para a Parnaíba, o governo mandasse tratar de sua realização, por que ao menos assim empregaria alguns delles, como trabalhadores e melhoraria a situação precaria em que se achão muitos destes desfavorecidos filhos d'esta provincia.

Compenetre-se o exm. sr. presidente da provincia desta verdade e faça o que estiver na altura do seu dever a fim de com o importante cargo que exerce prestar seu valioso apoio e benéfica protecção ás necessidades reclamadas; com o que fará um grande serviço aos Piracuruquenses, pelo qual bem dirão os mesmos da administração de s. exc. e se confessará agredido o que faz parte delles.

J. F.

Jaióes.

N'esta villa propalaise:

Que o promotor — Benedicto Alencar — declara que ha de conservar o tenente-coronel Aristides sob a pressão do processo crime q' injustamente promove contra elle, por tempo indefinido.

Que para isso conta com o prestigio do assassino do infeliz capitão Cypriano, e com o juiz supplente — um tal Pompeu Jabiru, que só obedece ás suas insinuações e ordens;

Que tanto isso é exacto, que, á despeito do requerimento do tenente coronel Aristides, na audiencia de 14 de dezembro ultimo, que exigio a conclusão de seu processo, nem mais uma virgula se adiantou n'elle;

Que esse promotor, em uma resposta simulada, que deu a s. exc., prometteu corrigir-se, e, nas calçadas, assevera procedimento contrario;

Que protesta ser conservado na promotoria e destituído o adjunto do promotor de Jaióes;

Que o delegado de policia, o menino Constancio, filho de seu legendario pai; entregou a policia e linha ao promotor, que é quem distribue as patrulhas;

Que isso tem escandalizado ao sub-delegado de policia, que ficou sendo uma autoridade nulla, com attribuição exclusiva de fazer corpo de delicto;

Que o administrador das fazendas nacionaes do Canindé, em piza de sua nomeação, escolheu a fazenda Campo-largo, em q' era vaqueiro o capitão P. Burlamaque, e d'ella fez presente á um protegido do dr. Licínio;

Que essa demissão, ha muito assentada e instada pela fracção Mendes de Oeiras, tem por fim humilhar a fracção Carvalho, á que pertence o demittido;

Que o administrador promette aos seus amigos de Jaióes, passar alguns dias entre elles em cada mez, e, n'esse sentido, fez, em circulares, as suas despedidas;

Que n'esse proposito tem estado; se acha entre os amigos, e foi quem noticiou aquella demissão, instada pelas Mendes;

Que estes preferem um vaqueiro estranho á qualquer que seja adepto dos Carvalhos.

Valença, 11 de dezembro de 1888.

Tendo desaparecido d'um negociante ambulante a quantia de 40\$000 reis, recahiram suspeitas sobre uma liberta de nome Benedicta, que, diga-se a verdade, é nseira e veseira na arte de furtos. Divulgado o furto, Benedicta evadiu-se para Oeiras.

O delegado Nunes poz a policia ao encalço d'esta, a qual, alcançando-a, açoitou-a barbaramente, e atou-lhe os braços com cordas; sendo tudo approvedo pelo sr. Nunes, que nem ao menos fez corpo de delicto na victimia. Esta foi, para cumulo de martyrio, recolhida á cadeia por mais de 24 horas.

Releva aqui dizer que as prisões illegas e o espancamento por parte da policia estão em voga n'esta villa.

Ha mais de mez, está recolhido a cadeia, sem culpa formada, e sem auto de flagrante, um pobre homem, accusado de haver furtado umas mandiocas. Um dia d'estes, os parentes do delegado prenderam e recolheram a cadeia sem motivo plausivel o cidadão Raimundo do Carmo Ferreira Chaves. No dia 1.º do corrente mez, a policia prendeu e barbaramente espancou pelas 11 horas da noite a um pobre homem, que aqui tinha vindo como pagem de um cunhado do conego Acyilino.

Quando este e seus parentes souberam do facto dirigiram-se á cadeia, e comsigo trouxeram o preso, á comeco empregado pelo insolente comandante do destacamento, este, enfurecido contra o sr. conego, mas sem coragem de reagir contra elle, vingou-se injuriando em altas vozes da porta da cadeia os 53 cidadãos que assignaram um protesto contra o delegado Nunes; sendo que afinal especificou o nome do sr. Conrado Nogueira, empregou contra este toda sorte de epithetos injuriosos; acrescentando que tinha ordem verbal do dr. chefe de policia para prendel o leveal o á facção! Assim está o nosso amigo ameaçado pelo unico crime de censurar o escandalo e a violencia; o certo é porem que elle, sofrendo qualquer affronta, não descerá a medir-se com Venancio e João Nunes; a cabeça pensante, aquelle que dirige o barco, é o unico responsável perante nosso amigo.

Publique, sr. redactor, estas linhas, pelas quaes se responsabilisa seu constante leitor X.

NOTICIARIO.

A Epoca.—E' incrível a deslealdade com que este órgão de publicidade adulterou um facto publico de tamanha notoriedade, talvez por estar envergonhado do triste papel que os seus co-religionarios tem ultimamente representado, uns inconscientemente e outros para acompanharem a certos chefes de centro, que subordinam a dignidade do seu partido aos interesses particulares.

Não afirmamos que a recepção feita ao ex.º sr. dr. Coelho de Resende correu por conta do partido conservador, e nem que foi este quem th'a preparou. É falso, inteiramente falso o enuncio do organo centro.

O que dissemos e repetimos é que essa festa foi preparada ao deputado do 2.º districto, por seus amigos politicos, que, como é publico e notorio, são os representantes da phalange macedonia, embora tenham liberaes tambem contribuido para ella, e á ella comparecido.

Foram, pois, os phalangistas—os promotores da recepção do dr. Coelho de Resende—foram elles que a iniciaram, e promoveram-lhe a manifestação á que se refere a «Epoca».

Asseverar o contrario é negar a luz da verdade dos factos, que se passaram aos nossos olhos.

A companhia, é certo, cedeu aos amigos politicos do dr. Resende um vapor para frear encalçal-o á pequena distancia d'esta cidade; mas o organo centroista, estranhando este acto, aliás sem motivo para estranheza, por isso mesmo que era uma merecida attenção dispensada ao dr. Coelho de Resende, que acabara de prestar bons serviços á mesma companhia, não mais se recorda de igual attenção que essa empresa, em tempos, que não vão longe, fez aos amigos do dr. Jayme Roza, cedendo-lhes o vapor Piahy, á fim de ser o mesmo dr. Jayme Roza, em seu regresso da corte, transportado de S. José das Cajazeiras para esta capital.

Apreciando maliciosamente a noticia, que demos sobre a chegada do dr. Coelho de Resende, dando falsa interpretação ás nossas palavras e deturpando o nosso pensamento, o jornal do centro o que pretende é levar entre os nossos amigos um enredo e nada mais.

Mas, o collega perde o seu tempo, porque, nem o nosso proeminente e distincto chefe e amigo o ex.º sr. marquez de Paranaguá, e nem o nosso presado e illustre amigo capitão Mariano Gil creão nas phrases fabricadas e calculadamente enuncadas pela

folha, que defende e sustenta os direitos e interesses do centro conservador.

Felizmente, em nossos arraias não ha dissidencia. Outro tanto, porém, não se pode dizer do partido conservador piahyense, que se acha dividido em dois grupos, cada qual mais afastado do outro.

Em vez de immiscuir-se em nossas fleiras, e vir entoar o canto da Seréia, seria mais curial que a «Epoca» se preocupasse exclusivamente, cuidadamente com o curativo da grave enfermidade, de que está acommettido o seu partido; por quanto o organo centroista nada tem que ver com o que se passa em nossos arraias.

O dr. juiz municipal e ophios de Jaicós.—Segundo nos informão, continúa a residir esse juiz, com sua familia, na fazenda «Cazanova», do mesmo termo, que dista 9 leguas da villa, sede de sua comarca, não obstante a sua ausencia causar prejuizo ás partes e ao serviço publico. As partes que se incommodem e a justiça que soffra.

O desabusado Sr Barretto, que só vé pela cartilha de apaixonado promotor de Jaicós, não se importa com as suas obrigações e só quer fazer jus aos cobros no fim de cada mez, embora infringindo os preceitos da lei.

Pedimos a s. exc.º o sr. presidente da provincia que não tolere esse abuso, e obrigue aquelle juiz á ter sua residencia na villa, ou então, a continuar elle ausente, que deixe o exercicio do cargo.

A medida reclamada é de lei e de justiça, e confiamos que s. exc.º providenciara para que o referido juiz, respeite as leis, tão ludiçadas por elle, que diz:—«nao ter quem o obrigue a sair dos seus comodos; para ter residencia na villa».

O av. do ministerio da justiça de 23 de Setembro de 1880 estabelece providencias sobre o caso, e para elle chamamos a attenção de s. exc.º.

Presidente e vice-presidente da camara municipal d'esta capital.—No dia 7 do corrente reuniu-se a camara municipal d'esta capital no logar do costume, e ali, na forma da lei, procedeu a eleição de seu presidente e vice-presidente. Corrida a votação por escrutinio secreto, verificou-se terem sido eleitos: presidente o nosso importante amigo tenente coronel Leoadio Alves dos Santos e vice-presidente o nosso tambem importante amigo dr. Collect A. da Fonseca.

A escolha não podia ser mais acertada, pois que esses illustres amigos reúnem as precisos requisitos para o cabal desempenho dos cargos, que lhe estão confiados. A par da intelligencia, de que são dotados, dispõem do bom senso, esse mestre da vida humana, para bem resolverem os casos occorridos, e dirigirem as sessões municipaes.

Felizmente, por suas merecidas elegções, dando esta noticia, não podemos deixar de dirigir um voto de louvor ao prestante cidadão, nosso digno amigo capitão José Pereira Leal, pelo muito-honroso com que se houve na presidencia da camara, no periodo de um anno, revelando-se sempre espirito activo, incançavel e zelador das cousas publicas.

Do referido nosso amigo, pois, saudamos, pelos bons serviços prestados com dedicação e honestidade á causa municipal.

Humildes.—D'esta localidade nos escrevem:

Depois de oito longos mezes de ausencia appareceu nesta villa o novo tenente coronel Francisco José Teixeira.

S. s. tem cara para tudo e desconfiava de si, ou dos amigos tracion de visital-os logo até mesmo ao sr. Manoel José Cardoso!

Tanta urbanidade e delicadeza de nada porem valeu-lhe, por que vio-se abandonado por elles proprios.

Comprehendemos então a sua melindrosa posição e despondido retirou-se hoje para sua residencia, no termo de Campo-maior.

Todos obdrecem a sua serra, é certo! E quem nos contestará de boa fé, que a do sr. Teixeira é de querer a toda transe ser chefe de um partido que não o quer, de ser eleitor, jurado, juiz de paz e de uma parochia, onde, si ja teve intenção de residir, ha muitos annos não reside?

Contestem-nos o sr. Teixeira e os redactores da «Epoca», si são capazes, esta verdade notoria e comprovada com documentos valiosissimos, como attestados dos dignos, vigario desta freguesia, delegado e subdelegado do termo, aliás seus co-religionarios e amigos.

Ante factos não valem argumentos, resignem-se pois o sr. Teixeira a requerer o seu alistamento onde tem direito e deixem-nos em paz.

Abandone a pretensão de mandar a relação do districto recorrente, como fizera do justo despacho do honrado juiz de direito desta comarca, eliminando-o do registro geral de seus eleitores.

De facto pretendem a «Epoca» e o sr. Teixeira que o escandalo praticado pelo desbragado Enéas Nogueira seu cúmplice em todas as prevaricações que exerceo nesta comarca, alistando o eleitor desta parochia em 1881 perdute até a consummação dos seculos, e que assim um abuso sancione outros.

Convença-se porém o sr. Francisco José Teixeira, e os seus amigos da «Epoca» de que acima de seus capichios, estão a verdade, a lei e os seus ministros, e portanto, de que a pecha de parcialidade, que atraiu a um juiz assas respeitado pela sua moderação, criterio; inteireza e amor á justiça, inexcusáveis, não pode alcançar ao illustre e honrado dr. Carlos Francisco de Araújo Costa.

No afan de defender os seus amigos, a «Epoca» atira-se sobre os nossos importantes co-religionarios e amigos capitães João Pedro de Moraes e Silva, Raimundo Fernandes de Vasconcelos, de Marão, e Domingos Ramos de Carvalho, da Piracurua.

A folha do centro meneia, ora a arma do ridiculo, ora a arma do insulto contra esses distinctos cidadãos.

e n'esta capital, por esses e outros titulos, que os recommenda á estima publica e particular.

Assim, pois, o ridiculo e o insulto lançados nas columnas da «Epoca» contra os capitães João Pedro, Raimundo de Vasconcelos e Domingos Ramos, não os poderão atingir.

Convocação de sessões extraordinarias de Jury.—Pelo ministerio dos negocios da justiça foi dirigida a seguinte circular:

«Importando á segurança publica e á liberdade individual que não se dilate o julgamento dos culpados além do prazo justicavel, afim de evitar não só aggravação inutil dos soffimentos dos detidos e os danos resultantes de excessiva aglomeração nas cadeias, como ainda a prescripção dos delictos dos afiançados; Sua Magestade o Imperador ha por bem recomendar a v. exc. que, informado de haver no termo dessa capital grande numero de réos, presos ou afiançados cujo julgamento tenha sido preferido em duas ou mais sessões ordinarias, determine ao promotor publico que requiera, a convocação de tantas sessões extraordinarias quantas se tornem precisas para serem julgados todos os processos preparados e promova com a maxima diligencia o andamento do sumario dos réos presos, de conformidade com o art. 319 do codigo do processo criminal, art. 343 do regulamento n.º 120 de 31 de Janeiro de 1842, e art. 4.º do decreto n.º 4.861 de 2 de Janeiro de 1872, declarando v. exc. aos juizes a quem competir a formação da culpa e aos que houverem de convocar o presidir as sessões extraordinarias que o mesmo Augusto senhor lles ha por muito recommendado este importante serviço.

«Deus guarde a v. exc.—A Ferreira Tianna.—Sr. Presidente da provincia de...»

Oeiras.—Escrevem-nos desta localidade: Procedeu-se no dia 24 deste mez de Dezembro a eleição d'um vereador da camara desta cidade, para preenchimento da vaga deixada por fallecimento de Antonio Rodrigues de Carvalho.

O pujante partido conservador pôde apenas reunir 47 eleitores; de sorte que, se os liberaes não se tivessem abtido da eleição, não excepção de um p-que no numero, obteria o triumpho.

Eis o resultado: Carlos Luiz Pinto Correia. (c) 47 votos Candidato Soares Oliveira. (l) 15 » Dr. Juvenal da S. Conrado. (s) 9 » Angelo J. P. de Oliveira. (a) 4 »

De dia para dia perde a sua apregoada força o partido conservador, desta localidade. A prova temos na futura eleição.

Nova avaliação.—De Jaicós nos escrevem: Constancio de Carvalho e Souza, filho e fidejante de novo administrador, das fazendas do Canilê, segundo nos informão, procedeu a 11 de Dezembro ultimo nova avaliação, com a qual pretende ser habilitar-se ante a thesauraria de fazenda. N'esta avaliação, que teve lugar ante o desabusado juiz Sr. Barretto, servio de collector José Firmo, cazado com uma filha bastarda do mesmo administrador, sendo avaliadores dous Antonios, um Silveira e outro Brazilião, ambos creaturas do habilitante.

Constancia, que é pobresinho, recommendado pelo seo legendario pae, deu á avaliação o que não possuia, e tudo foi bem acredo, porque todos só desejão amparar o direito do afiançado, ficando embora seus grantias os bens do estado.

Para chegar ao seo desideratum, deu elle á avaliação uma caza de tijolo em Jaicós, no valor de 1.600\$000 reis, quando é certo que essa caza lhe fôra adjudicada e á sua irma, em inventario, no valor de 800\$000 reis, preço mantido no lançamento ultimo de decima urbana; deu mais um cabeze e uma posse de terras imprescaveis, 200 cabezas de gado vacum e algumas de cavallar, tudo na importância de 5.400\$000 reis, na fazenda Peixe do termo de Jaicós, possuindo elle apenas pouco gado!

O ultimo lançamento de dizimo, realisado em Jaicós pelo collector, que assistio a avaliação; prova que Constancio não tem aquelle numero de gado; entretanto, para servir de base á fiança de seo pacaquelle n-ningum escrupulo teve para alteral-o, e menos o collector para oppôr, porque o fim principal era fazer conta de chegar!

A thesauraria de fazenda, querendo a prova da bossa propozição, deve exigir a exhibição das escripturas de posses dos bens de raiz, e pedir informações do thezouro provincial sobre os lançamentos ultimos de decima urbana, referente á caza avaliada, e dizimo de Constancio.

A certidão, abaixo publicada, prova que o predo urbano avaliado não pertence somente a Constancio, e que o seu valor é de 800\$ reis.

Vejamus como procede a thesauraria de fazenda:

Certifico que do inventario do fallecido Estevão da Costa Vellozo, consta ter tocado a Constancio de Carvalho e Souza e a sua irma d. Adelina de Carvalho e Souza a caza de tijolo, sita no quadro da Matiz d'esta villa, de que trata o supplicante; no valor de 800\$000 reis, cujo inventario foi homologado, por sentença em 21 de Outubro de 1879.

O referido é verdade e dou fé.—Jaicós, 20 de Dezembro de 1888.—O escriptivo.—Francisco José de Moura Leal.

Submissão do governo.—Lê-se na «Gazeta de Noticias» da corte: «O sr. conselheiro Thomaz Coelho, ministro da guerra, ao chegar hontem a respectiva secretaria de estado, teve noticia de que o sr. marechal Severiano da Fonseca, que não comparecera ao quartel-general, pedira demissão do alto cargo de ajudante-general do exercito.

S. exc.º mandou o seu ajudante de ordens a casa do marechal Severiano, pedindo-lhe que chegasse ao seu gabinete.

O sr. marechal Severiano, respondeu pelo seo ajudante de pessoa ao sr. ministro, que, por achar-se incommodado do saude, não podia comparecer. Acrescentou, que tendo dado a sua demissão de ajudante general do exercito esperava pelo seo ajudante de pessoa, em quem depositava toda a confiança,

qualquer ordem que o sr. ministro se dignasse dar-lhe.

Pelo ajuntamento de pessoa do sr. marechal respondeu-lhe o sr. ministro, que as circunstancias de occasião não lhe permitiam procurar o sr. marechal em sua casa; e pediu ao sr. marechal que fizesse um esforço para comparecer ao gabinete.

Esteve n'esta cidade alguns dias o nosso illustre amigo dr. Alvaro Sinval de Moura, clinico residente na cidade de Caxias.

Do interior deste municipio regressou o nosso presado amigo capitão José João dos Santos, a quem saudamos.

Do Livramento chegou o nosso presado amigo José de Almeida Freitas. Nossos cumprimentos.

Estado.—Acho-se n'esta cidade os nossos dignos amigos Raimundo Norberto e Norberto de Vasconcelos. Cumprimentamol-os.

Benjamin Harrison.—Este general foi eleito presidente dos Estados-Unidos no quadriennio, que começa em maio proximo.

Harrison não é um homem de genio, mas um caracter sereno e intelligente.

Referem folhas de S. Paulo que no Espirito Santo do Rio do Peixe, estava Theophilus Gomes Nogueira detido com um seu filho tendo-se sua mulher sentada aos pés da cama quando uma foice electrica cahiu sobre a cumieira da cama, desce por um citão, entra no quarto, e fulmina a Gomes Nogueira, sem offender a criança, que estava nos braços da victima, nem a scuhora que estava láo proxima!

Club Enterpe.—D'este club, fundado no Pará, recebemos a a seguinte carta: Pará, 15 de outubro de 1888.—Illm. e exm. sr.—Tendo o Club Enterpe resolvido crear uma bibliotheca, onde os seus socios possam melhor auxiliar sua instrução, delibere, em assembleia geral, designar os seus associados abaixo assignados para o fim de, em commissão levarem a effeito este melhoramento.

N'este sentido resolveram solicitar da Imprensa, da qual v. exc.º é preclaro ornamento, a sua valiosa protecção e por meio desta o fazem, contando que v. exc.º por sua extrema bondade, não lhes negará o apoio de que precisam para melhor poderem cumprir o mandado de que se acham incumbidos.

Qualquer serviço que v. exc.º e o seu muito conceituado jornal prestarem para tal fim os abaixo assignados, por si e em nome do Club que representam, desde já antecipam os seus agradecimentos, tendo a honra de subscrever-se com subida estima e alta consideração—Dr. v. exc.º attentos criados.—Dr. Cypriano José dos Santos, Antonio Caceres Fernandes Bello, João Manoel Ferreira da Costa, Amândio Mattos de Lima, Jeronymo Rodrigues Barbosa, João Augusto C. Guimarães, Abenício d'Amorim Lima, José Caetano d'Arayú.

Picos.—D'esta localidade nos escrevem: Mais cedo do que suppunhamos recebeu o celeberrimo Manoel Lopes, o premio de sua villosa. Os clementinos, não podendo mais supportal-o repeliram-no do partido como um traidor, infame.

Foi, pois, se dizer—atirado no meio da rua, como uma coisa imprestavel e prejudicial. Ainda não se tinha visto um homem, nas condições do tal Lopes, collocar-se em posição tão desgracada.

Constituindo-se aqui um verdadeiro algôz da humanidade; ferindo, nas trevas, a honra, a dignidade de tudo e de todos, suppondo-se talvez garantido nas correspondencias reservadas e uns enredo surdo e perigoso, em que é doutor de borla e capello, o pobre e infeliz mestre, foi de subito, quando menos esperava; pegado em mangas de camisas e n'um só momento accusado como réo de mutor crimes. O libello accusatorio, em que o sr. Lopes, com suas proprias mãos, escreveu todas as circunstancias agravantes com que o juiz fundamentou a sua sentença; foi recebido ou apresentado pelo sr. Helvidio Martins; mas a justiça da clementinada desta vez não foi torteloa. O coronel Clementino que foi o juiz supremo, consta-nos que pretendeu condemnar réo no maximo; mas a pedido do sr. Helvidio, deixou no medio:—expulsão do partido e da casa em que o réo morava por ser elle corruptido, corruptor, traidor e infame. Foi o premio da villosa.

O sr. Lopes, aqui foi um villão. Não houve caracter, por mais elevado e innobrecido, que não fosse por elle ferido—entra o nosso importante chefe e amigo coronel Pusionido, consta-nos ter elle escripto uma vertina, occupando-se de sua vida particular e intima tão nojenta e desprezavel que os redactores da «Epoca» bataram-lho as portas.

Ficou bem provado, que o sr. Lopes, deprimido e detraido, sem excepção de um só de todos os homens de posição social, d'aqui quer de um quer de outro partido, sem es capar nem mesmo o sr. Helvidio, que foi aqui, seu pae o protector.

Acho que a posição do Lopes não pode deixar de ser desesperadora, tanto mais quando tenho ouvido alguns liberaes importantes declararem que se abusterão se elle revirar: acho isto uma verdadeira asneira, não só porque o partido não pode regeitar ninguém, como porque o pobre não pode ficar assim como a mãe de São Pedro... nos arês.

Já deve saber da demissão do nosso amigo padre João Severino, de vigario desta freguesia e sua substituição pelo padre de Benedicto. Nas circunstancias actuaes o acto de s. exc.º rvm.º, foi injusto e cruel. O padre João, com mais de 20 annos de serviços a cauza da igreja, não devia ser demittido assim, n'uma phase difficilissima como a que atravessamos—ficando, como ficou, com uma familia honrada e pezada, exposta a miseria e a fome! Alem d'isto, s. exc.º rvm.º, sabendo que elle sustentava trez filhos no estudo, sendo que um achava-se matriculado na academia do Recife, devia mesmo quando outros sentimentos o não desviassem, ao menos os de irmaõ em habito destinar-lhe outra freguezia, si é que entendia de imprescindivel necessidade a sua retirada d'aqui.

Esta freguezia era interdita: antes do padre João Severino, não houve padre que se agostasse aqui 2 annos: elle estava aqui á mais de dez annos, e era quasi geralmente benquisto e estimado. Quando esteve aqui o bispo, e com elle juntos os mais de 7 mil passaos, fizeram uma representação contra elle, e só nella assignaram 28 homens! Isto é muito significativo. S. exc.º rvm.º, foi cruel; porque nem ao menos prevenio ao pobre padre!

Incompetencia do governo.—A' este respeito se expressa um correspondente da corte para o Despertador da Parahyba do Norte:

«Uma longa sessão, em que o governo deca da si a mais triste copia, revelando-se incompetente para resolver as grandes questões, que se agitam no paiz, só teve de notavel a Lei de 13 de Maio, fructo da revolução pacifica e imponente, que fez o partido liberal.

O Ferreira Vianna limita-se á baixar avisos bonitos mas que não tem execução, e á augmentar a guarda nacional praticando, como governo, o que como deputado oppoisionista tanto censurava.

Nunca se viu um ministro, que tanto se esquecesse do que dizia como deputado!

O presente do sr. Vianna é a negação completa de seu passado, e por isso dizem que o Barão de Cotegipe, referindo-se á elle, dissera—O Ferreira Vianna é o cadaver de si mesmo!

A questão militar trouxe o ministerio em apuros, e a divergencia no seo do gabinete foi manifesta, tendo o ministro da guerra se declarado absolutamente a favor dos militares, ficando, portanto, em divergencia com os srs. Prado e Rodrigo Silva, que querião a demoralização do exercito e a conservação do chefe de policia de S. Paulo, que, pela sua inepticia e imprudencia, foi a causa das senas, que se derão na capital da provincia dos Andradras.

A attitud, porem, da briosa classe militar, os protestos dos Clubs Militar e Naval, fizeram com que o chefe de policia fosse demittido, passando assim os ministros paulistas pelas forcas caudavas.

O que admira á todos é que só fosse demittido o chefe de policia, quando o presidente, dr. Pedro Vicente, é tanto ou mais criminoso do que o primeiro.

O sr. Pedro Vicente é o unico responsável pelas mortes e ferimentos, que se derão, e a sua indifferença ante o sangue derramado, mostra que elle é um homem capaz de tudo.

Quaes serão as conseqüencias, que ainda podem apparecer de semelhante questão, é o que ninguém pode dizer.

Foi mal recebida a noticia de ir ser submittido á conselho de guerra o major Honorato Caldas, commandante interino de 17.º batalhão.

O bravo militar corrupto com o seu dever ante o procedimento reprovado, e quica criminoso, do chefe de policia, não podia elle conservar-se indifferente e deixar que não fosse desafiada a sua classe.

Fallecimento.—Na villa dos Picos, provincia do Maranhão, falleceu no dia 26 do mez e anno passado, a exm.ª sr.ª d. Izabel Teixeira de Carvalho-Lemos, digna e virtuosa esposa do nosso illustre co-religionario capitão Benedicto Cândido de Lemos.

Contava a infeliz sr.ª apenas 19 primaveras; e deixou uma interessante filhinha com 21 dias de nascida, primeiro fructo do seu feliz enlace.

Ao inconsolavel esposo apresentamos nossas condolencias, e á Deus rogamos pelo eterno delecto da illustre finada.

Outro.—Em S. João do Piahy rendeo almo ao creador o nosso estimavel amigo José Martires Pereira Ferraz, cidadão distincto pelas excellentes qualidades, que o ornavam.

Este deploravel acontecimento teve lugar a 2 do corrente, no logar Sete alagoas d'aquelle termo.

Baixou mulher e 9 filhos, aos quaes e ao nosso importante amigo capitão Tibério Martires enviamos nossas sinceras condolencias.

Outro.—Falleceu n'esta capital, a 6 do corrente, de antigos padecimentos, a exm.ª sr.ª d. Elyza Brazileira de Moura, digna esposa do nosso digno amigo Joaquim A. Brazileiro, a quem sentiamos, por esse produzido golpe.

Era a finada muito noça ainda, e deixou 3 filhinhos.

ANNUNCIOS
COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS PIAHYENSE
Convida-se aos subscribers de accões desta companhia a se reunirem no dia 13 do corrente mez as 11 da manhã no Escritorio da companhia de vapores, a fim de serem discutidos e votados os Estatutos respectivos. Theresina, 5 de Janeiro de 1889.

ADVOCADO
SENADOR J. F. MEIRA DE VASCONCELOS
Escritorio á rua 1.º de março n.º 33. Residencia, rua dr. Constante Jardim, n.º 4, Santa Theresina, Corte.
ARARUTA SUPERIOR
1\$000 o kilo
Na Botica do Povo.
Theresina, 1889. Impr. por Joaquim d'O-Costa